cultura.df@dabr.com.br
3214-1178/3214-1179
Editor: José Carlos Vieira
josecarlos.df@dabr.com.br

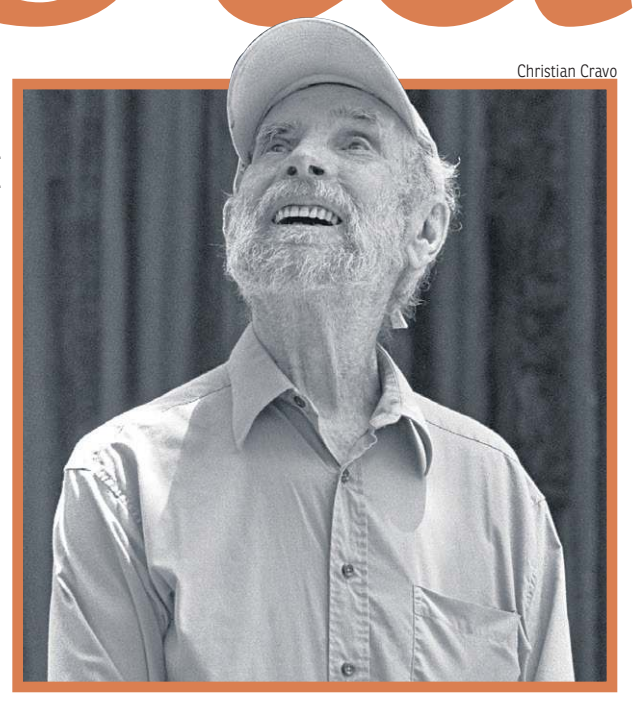
Correio Braziliense
Brasília, quarta-feira, 11 de novembro de 2026

A ÉTICA DA floresta

EXPOSIÇÃO NA CAIXA CULTURAL REÚNE OBRA DE **FRANS KRAJCBERG**, ARTISTA QUE LUTOU PELA PRESERVAÇÃO AMBIENTAL E **FEZ DA NATUREZA** A BASE DE SUA PRODUÇÃO

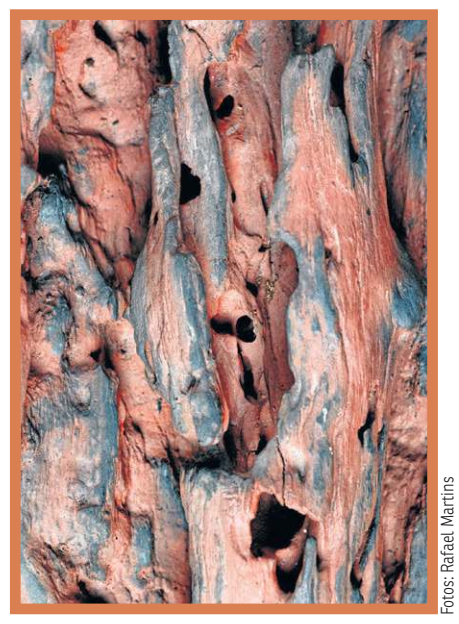
» NAHIMA MACIEL

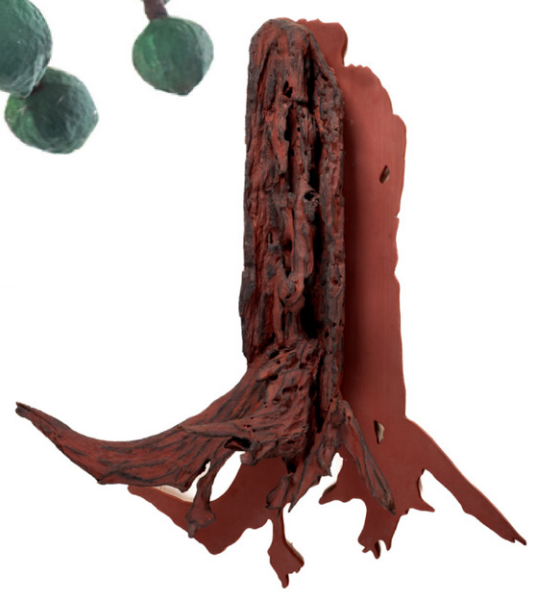




Christian Cravo

Frans Krajcberg : arte construída com os escombros da natureza devastada





Fotos: Rafael Martins

O artista plástico Frans Krajcberg tinha um compromisso inegociável com a natureza. Herdeiro de uma história de destruição que levou seus ancestrais para a câmara de gás e imigrante que adotou o Brasil como casa, o artista nascido no leste da Polônia encontrou na Bahia um berço ambiental no qual floresceu e é essa história que a exposição Frans Krajcberg – Uma Semântica da Devastação traz para a Caixa Cultural. "Esse projeto nasceu em 2024, quando o Instituto de Preservação Ambiental e Cultural começou a pensar estratégias para divulgar esse acervo, que foi doado pelo artista para o povo da Bahia", conta Alejandra Muñoz, curadora da exposição.

Em 2009, Krajcberg assinou uma escritura na qual doava mais de mil obras de arte, um acervo de mais de 48 mil documentos e o próprio Sítio Natura, onde morava, ao Instituto de Preservação Ambiental e Cultural da Bahia (Ipac). A doação foi feita em vida e o artista continuou trabalhando. O que não vendia, ficaria para o "povo da Bahia", como ele dizia. Krajcberg morreu em 2017 e, desde então, o instituto luta para organizar uma obra complexa, vulnerável e tão rica em termos de carga simbólica e valor artístico que se tornou uma referência na fusão entre arte, ética ambiental e estética.

Para a exposição, Alejandra selecionou obras que exploram alguns dos aspectos mais importantes desenvolvidos por Krajcberg. "É um acervo complexo, porque envolve fotografia, ele era um excelente fotógrafo, gravuras, esculturas. Ele tinha uma produção muito expressiva", avisa Alejandra. Quando a exposição passou pelo Rio de Janeiro, a curadora precisou deixar de fora boa parte das esculturas, por causa do espaço reduzido. Mas em Brasília, será possível mostrar 11 esculturas, graças ao espaço amplo da galeria da Caixa Cultural.

As esculturas são as produções mais conhecidas de Krajcberg. O uso de materiais coletados, como madeiras, cascas de árvore, troncos, pedras, terra e outros eram comuns na produção do artista, que morou, durante quatro décadas, no Sítio Natura, em Nova Viçosa, um santuário de preservação ambiental que servia também de fonte e inspiração. Um cupinzeiro vermelho, a última obra feita pelo artista, abre a exposição e recebe o público. Foi uma escolha de Alejandra que, quando selecionou as obras das retrospectiva, não sabia que a escultura era uma das últimas produções do artista. "É uma peça que tem uma sedução muito grande. Valorização de uma colônia de algo que foi", diz.

A curadora também reuniu 10 outras peças de grande porte e características dos projetos escultóricos de Krajcberg, além de nove relevos de parede. Três tipos de esculturas verticais figuram na mostra: entre elas um coqueiro esguio, uma peça mais portentosa feita a partir de um trabalho de fibras e palhinhas entrelaçados e uma obra mais escultórica cuja base é um tronco queimado no qual fica evidente a textura de carbonização, técnica frequente na produção do artista. "Ele desenvolveu muitas técnicas próprias e pigmentos naturais. Há uma memória material que vem de vários lugares, das coletas que ele fazia", conta a curadora.

Para os relevos de parede, Krajcberg criou um processo que chamava de sombras recortadas, que consistia na construção de um relevo sobre o qual projetava uma luz e, da sombra resultante, fazia uma base recortada. Na exposição, a curadora propõe a lógica inversa da sombra recortada. Alejandra traz ainda um lote de gravuras pouco conhecidas da produção do artista. "Ele trabalhou com uma gravura que não é tradicional", explica.,

Krajcberg gostava de trabalhar com matrizes orgânicas impossíveis de serem guardadas por longos períodos de tempo. Rochas, cascas de árvore, troncos, pedras e até desenhos curiosos da areia da praia serviam como matriz para sobreposições e captação de texturas realizadas com papel japonês. "A maioria do público conhece as esculturas, mas as gravuras usando essas matrizes orgânicas, não. São obras irreprodutíveis, pouco conhecidas", aponta a curadora. "E ele conseguia fazer poucas cópias, porque as matrizes estavam na natureza e ele não guardava, fazia tiragens limitadíssimas.Tudo é muito provisório nesse trabalho. E o valor das gravuras, do que ficou das impressões, é maravilhoso porque não temos como fazer outras, não tem as matrizes originais. É inerente ao trabalho". No total, são 29 gravuras de pequenas dimensões reunidas na exposição.

Uma linha do tempo e séries de fotografias, como as feitas por José Diniz para registrar a mítica casa da árvore projetada por Zanini Caldas na qual Krajcberg morou, também fazem parte da mostra. O artista foi um dos nomes mais importantes da arte brasileira quando se trata de ativismo ambiental e ética na natureza. Ele chegou ao Brasil em 1948, depois de escapar do Holocausto nazista durante a Segunda Guerra mundial. Formado em engenharia e arte na então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), participou da Bienal de São Paulo de 1951 e, a partir dos anos 1970, radicou-se de vez no Brasil.

Em Nova Viçosa, no sul da Bahia, Krajcberg criou um santuário de preservação de Mata Atlântica e, durante toda a vida, escreveu mais de 10 manifestos, incluindo o Manifesto do Rio Negro, em favor da proteção do meio ambiente. "É um diálogo com a natureza, ao mesmo tempo que a revolta dele como ativista ia emergindo. Ele faz uma construção escultórica a partir dos resquícios, das queimadas, das representações ambientais. A partir do fim dos anos 1980, ele começa a consolidar esse lado ativista e essa revolta ambiental foi crescendo. Enquanto a arte brasileira ia para o lado do concretismo, Krajcberg esteve quase sozinho trabalhando nessa área e isso foi configurando uma linha muito própria", conta Alejandra.

> **É um diálogo com a natureza, ao mesmo tempo que a revolta dele como ativista ia emergindo. Ele faz uma construção escultórica a partir dos resquícios, das queimadas, das representações ambientais**
>
> ***Alejandra Muñoz,***
> *curadora*

FRANS KRAJCBERG – UMA SEMÂNTICA DA DEVASTAÇÃO

Curadoria:Alejandra Muñoz. Visitação até 10 de janeiro, de terça a domingo, das 9h às 21h, na CAIXA Cultural Brasília (SBS, Quadra 4, Lotes ¾). Entrada gratuita. Classificação indicativa livre